



INFLUÊNCIA DA ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL ENERGÉTICA NA MANUTENÇÃO DE ENXAMES DE *Apis mellifera* L. DURANTE ESTIAGEM NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE – PB.

Anderson Bruno Anacleto de Andrade¹; Rosilene Agra da Silva²; Patricio Borges Maracajá²; Wellington Alves Guedes¹; Isidro Patricio de Almeida Neto¹; Antônio Tadeu de Brito Medeiros¹; Anderson Amaral de Bulhões¹.

(¹)Alunos de graduação do curso de Agronomia da Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: bdeandrade3@gmail.com; (²)Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

RESUMO – O manejo alimentar das colônias é de fundamental importância para que o apicultor não tenha prejuízos na sua atividade. Portanto, objetivou-se identificar entre os apicultores da Associação dos Apicultores do Vale do Rio do Peixe - APIVALE, quais fizeram uso da alimentação artificial energética no período de estiagem e a influência desta alimentação para manutenção e sobrevivência dos seus enxames. O trabalho foi realizado com entrevistas feitas a dez apicultores, que contribuíram informando a quantidade de enxames que possuía na última florada ocorrente, se ocorreu o fornecimento de algum tipo de alimentação artificial no período de seca, e a quantidade atual de enxames no apiário. A maioria dos apicultores forneceu alimentação artificial do tipo energética aos enxames, os apicultores que optaram por não fornecer alimentação artificial em seus apiários, enfrentaram um enfraquecimento das colmeias, e principalmente perdas de enxames através da enxameação por abandono. Os apicultores que forneceram alimentação artificial energética tiveram menores perdas dos seus enxames, e conseqüentemente diminuindo prejuízos na produção de mel.

Palavras-chave – Alimento energético; Apicultor; Semiárido.

INTRODUÇÃO

A apicultura é uma atividade dependente dos recursos naturais, ocorrendo oscilação de produção de acordo com as condições climáticas e ambientais de cada região, pois as abelhas buscam seu alimento na natureza, e possui uma relação mútua com as plantas, que fornecem seus alimentos (néctar e pólen) e outros materiais essenciais a dieta destes insetos e como recompensa as plantas recebem os serviços de polinização realizados pelas abelhas. (FONSECA, et al., 1993).

A flora apícola no período chuvoso apresenta grande diversidade de espécies e alta concentração de alimento, porém durante a estação seca, ocorre uma escassez de pasto apícola e, conseqüentemente, de alimento para as abelhas. Neste contexto é necessária uma alimentação complementar para assegurar a produtividade e os lucros da atividade. (PEREIRA et al, 2006).

Existem dois tipos de alimentação das abelhas, a natural e a artificial. Detendo-se à alimentação artificial, é utilizada quando o pasto apícola não dispõe os nutrientes necessários para a sobrevivência das abelhas como: como água, carboidratos (açúcares), proteínas, vitaminas, sais minerais e lipídios, essa alimentação pode ser caracterizada como estimulante (para melhoria da produção do apiário), e como de manutenção (para manter o fornecimento dos nutrientes necessários às abelhas) (PEREIRA et al., 2003).

Segundo Aquino (2013), a baixa produtividade das colônias, constatada na apicultura da região semiárida, tem sido problematizada pela falta de néctar e pólen da pastagem apícola na estação seca. Portanto, faz-se necessário uma preconização de uma alimentação adequada, com o balanceamento de nutrientes indispensáveis à alimentação das abelhas visando a concretização de uma produção estável

Logo, o manejo alimentar das colônias é de fundamental importância para que o apicultor não tenha prejuízos na sua atividade. Portanto, objetivou-se identificar entre os apicultores da Associação dos Apicultores do Vale do Rio do Peixe - APIVALE, quais fizeram uso da alimentação artificial energética no período de estiagem e a influência desta alimentação para manutenção e sobrevivência dos seus enxames.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado no mês de novembro de 2012, com entrevistas feitas aos apicultores que fazem parte da Associação dos Apicultores do Vale do Rio do Peixe – *III CONGRESSO NORDESTINO DE APICULTURA E MELIPONICULTURA - Abelha e Meio ambiente: Desenvolvimento com Sustentabilidade*

APIVALE, situada no município de São João do Rio do Peixe – PB, localizado a 245 m de altitude sob as coordenadas de latitude 06° 43' 47" e longitude 38° 26' 58". Os entrevistados foram questionados sobre manejos realizados em apiários no período de estiagem, principalmente sobre o fornecimento de alimentação artificial.

Foram entrevistados dez apicultores, com questionários compostos de perguntas diretas, onde os mesmos informaram dados relevantes para a pesquisa, como: a quantidade de enxames que possuía na última florada ocorrente, a frequência de visitas ao apiário no período de estiagem, se ocorreu o fornecimento de algum tipo de alimentação artificial no período de seca, o mês que iniciou o fornecimento da alimentação e a quantidade de enxames nesse mês, e por fim a quantidade atual de enxames no apiário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 1, onde podemos observar que a maioria dos apicultores (06 criadores) forneceu alimentação artificial do tipo energética aos enxames. Os apicultores que não manejaram suas colônias no período de estiagem representam 40% de todos os entrevistados.

Observou-se que os apicultores que optaram por não fornecer alimentação artificial em seus apiários, enfrentaram um enfraquecimento das colmeias (Tabela 1), estes apicultores também não realizaram revisões periodicamente. Foi relatado a existência da disponibilidade de água próximo aos apiários, assim, contribuindo para que não ocorresse um número maior de perda de enxames através da enxameação por abandono. Segundo Couto (2002), estudando as enxameações das abelhas, verificaram que o abandono das colmeias está associado à escassez de alimento no campo, falta de água, ocorrência de incêndios, presença de inimigos naturais e outras situações que podem perturbar as colmeias.

De modo geral, percebe-se que a alimentação artificial, seja de manutenção ou estimulante tem influenciado a produção nas colônias. Um estudo realizado no município de Poço de José de Moura – PB constatou que os apicultores que não forneceram alimentação artificial energética tiveram perdas significativas dos seus enxames, conseqüentemente prejuízos na produção de mel. (ANDRADE, et al., 2013)

Segundo Raad, (2002), sem essa alimentação artificial, quando se inicia a florada, os enxames necessitam de 50 dias para se fortalecer e começar o aproveitamento dos recursos naturais, comprometendo a safra e assim causando prejuízo ao apicultor.

Os apicultores que manejaram seus enxames fornecendo alimentação artificial disponibilizaram apenas a alimentação energética, a qual sabemos que não é suficiente para atender as necessidades nutricionais de todos os indivíduos da colmeia. Logo há necessidade de também fornecer uma alimentação proteica para reduzir ainda mais as perdas dos enxames.

CONCLUSÃO

O fornecimento da alimentação artificial para as abelhas é extremamente importante para manutenção e sobrevivência dos enxames.

Os apicultores do município de São João do Rio do Peixe que forneceram alimentação artificial energética tiveram menores perdas dos seus enxames, e conseqüentemente diminuindo prejuízos na produção de mel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. B. A., SILVA, R. A., MARACAJÁ, P. B. **Importância da alimentação artificial energética para manutenção das *Apis mellifera* L. No período de estiagem no município de Poço de José de Moura – PB.** In: I Seminário Zootécnico do Sertão Paraibano - Produção Animal com Sustentabilidade, Pombal, 2013.

AQUINO J. T. **Apicultura No Semiárido Paraibano: Defensividade De Abelhas Africanizadas Com E Sem Alimentação Artificial, Cajazeiras-PB.** Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciência e Tecnologia Agroalimentar. Pombal, 2013.

COUTO, Regina Helena Nogueira. **Apicultura: Manejo e produtos:** 2 ed. Jaboticabal: FUNEP, 2002. 191.p.

FOSENCA, V. L. I. ; RAMALHO, M.; KLEINERT-GIOVANNI, A. **Flores e abelhas em São Paulo.** São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993. cap. 1, p. 17-30: Abelhas sociais e flores análise polínica como método de estudo.

PEREIRA F. de M.; LOPES, M. T. do R.; CAMARGO, R. C. R. de.; VILELA, S.I. de O. Embrapa Meio-Norte Sistema de Produção, 3 Versão Eletrônica, 2003.

PEREIRA, F.M. FREITAS, B.M. VIEIRA NETO, J.M. LOPES, M.T.R. BARBOSA, A.L. CAMARGO, R.C.R. **Desenvolvimento de colônias de abelhas com diferentes alimentos proteicos.** Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, v.41, n.1, p.1-7, 2006.

RAAD, R.S. **Alimentação dos enxames com uso de ração proteica seca COAPIVAC e líquida estimulante.** Rio de Janeiro: COAPIVAC, 2002. 7p.

Tabela 01. Quantidade de enxames mantidos com alimentação artificial, no município de São João do Rio do Peixe – PB.

Apicultor	Quantidade de enxames na última florada	Forneceu Alimentação	Quantidade de colmeias no início da alimentação	Quantidade de enxames no mês de novembro
001	100	SIM	100	50
002	27	NÃO		21
003	26	SIM	26	22
004	27	SIM	27	22
005	25	SIM	25	23
006	22	SIM	22	15
007	50	NÃO		30
008	165	SIM	165	106
009	29	NÃO		15
010	22	NÃO		16